

The background of the cover is white with several thick, colorful lines in shades of green, orange, blue, purple, yellow, red, and pink. These lines are arranged in a dynamic, abstract pattern, some straight and some curved, creating a sense of movement and energy.

DVD
Material
Educativo
para
Professor
Propositor

**CONSTRUÇÃO COLETIVA:
A CERÂMICA NA ESCOLA**



DVDteca

A horizontal bar at the bottom of the cover, divided into six equal-width rectangular segments of different colors: purple, light blue, green, red, dark blue, and yellow.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(William Okubo, CRB-8/6331, SP, Brasil)

INSTITUTO ARTE NA ESCOLA

Construção coletiva: a cerâmica na escola / Instituto Arte na Escola ; autoria de Marília de Oliveira Diaz ; coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. – São Paulo : Instituto Arte na Escola, 2006.

(DVDteca Arte na Escola – Material educativo para professor-propositor ; 45)

Foco: FE-5/2006 Formação: Processos de Ensinar e Aprender

Contém: 1 DVD ; Glossário ; Bibliografia

ISBN 85-98009-53-9

1. Artes - Estudo e ensino 2. Arte-Educação 3. Cerâmica 4. Musatti, Jeanete I. Diaz, Marília Oliveira II. Martins, Mirian Celeste III. Picosque, Gisa IV. Título V. Série

CDD-700.

 **Créditos**

MATERIAIS EDUCATIVOS DVDTECA ARTE NA ESCOLA

Organização: Instituto Arte na Escola

Coordenação: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Projeto gráfico e direção de arte: Oliva Teles Comunicação

MAPA RIZOMÁTICO

Copyright: Instituto Arte na Escola

Concepção: Mirian Celeste Martins
Gisa Picosque

Concepção gráfica: Bia Fioretti

CONSTRUÇÃO COLETIVA: a cerâmica na escola

Copyright: Instituto Arte na Escola

Autor deste material: Marília de Oliveira Diaz

Revisão de textos: Soletra Assessoria em Língua Portuguesa

Diagramação e arte final: Jorge Monge

Autorização de imagens: Ludmilla Picosque Baltazar

Fotolito, impressão e acabamento: Indusplan Express

Tiragem: 200 exemplares

DVD

CONSTRUÇÃO COLETIVA: a cerâmica na escola

Ficha técnica

Gênero: Documentário - registro audiovisual do projeto *A arte registra a história*.

Palavras-chave: Projeto; parceria; coordenação; mural; cerâmica; signos.

Foco: **Formação: Processo de Ensinar e Aprender.**

Tema: O projeto *A arte registra a história*, seu processo de criação, as temáticas e técnicas para a realização de um mural cerâmico na escola.

Artistas abordados: Tarsila do Amaral e Sérgio Lucena.

Indicação: Formação de educadores e programas de educação continuada.

Direção: Rosilda Sá.

Realização/Produção: Sandoval Fagundes (Edição). Apoio: Universidade Federal da Paraíba, Cooperativa de Ensino de João Pessoa e Secretaria de Educação do Estado da Paraíba.

Ano de produção: 2003.

Duração: 14'.

Sinopse

O documentário apresenta parte do processo de construção de um mural cerâmico no Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário/C.E.E.A., na cidade de João Pessoa/Paraíba, realizado entre os anos de 2002 e 2003. O projeto envolveu 1.500 alunos e foi realizado por uma equipe multidisciplinar sob a coordenação da professora e artista plástica Marília Diaz, idealizadora da proposta. O grande mural construído com placas de cerâmica, com mais de 30m de comprimento, provocou a criação de um espaço de convivência na escola.

Trama inventiva

Vida tão cheia de encontros! Vida de educador. Encontros com a arte, encontros com aprendizes de arte. Às vezes, o encontro é na sala de aula; outras, no mundo do lado de fora. O que representa para o educador o seu trabalho? Paixão? Diversão? Meio ou fim? Para alguns, domina sua vida; para outros, confunde-se com ela. Seja este ou aquele modo, todo educador tem uma curiosa sensibilidade para o outro. Outro-obra, outro-gente. Assim, de forma muito pessoal, ele vai renovando saberes, experiências, fazeres educativos em arte. Na cartografia, mirar este documentário no território **Formação: Processo de Ensinar e Aprender** oferece ao olhar paisagens educativas pintadas com cores vivas por aqueles que, atuando como professor, mediador ou artista-educador, educam com arte para a arte.

O passeio da câmera

Estudantes-produtores. Professores-propositores. Uma idéia: um mural cerâmico. Momentos de um projeto de longo tempo. Embora a filmagem tenha início nos últimos 3 meses antes do encerramento do projeto, é possível ver o registro de uma experiência que deixa sua marca viva no patrimônio da escola: um mural cerâmico.

Na escola, vemos as mesas recobertas e os instrumentos simples que foram utilizados, tais como: cabos de vassoura, copos plásticos descartáveis e talheres. As professoras instigam a observação atenta de figuras humanas, ampliam o olhar a partir de reproduções de artistas, focalizam os temas, ensinam os procedimentos técnicos com a argila.

A argila obedece às mãos criadoras e se torna plana. Na placa estruturada, são agregadas formas. Os dedos correm felizes no acabamento feito também com esponja. Da produção, a câmera nos leva para o ateliê de Marília Diaz, onde as peças vão para a queima no forno elétrico. Não percebemos, mas se passaram 4 horas na montagem cuidadosa, montagem repeti-

da em cada queima a 900°, que demorava mais de 10 horas. Foram horas e horas de trabalho. A abertura curiosa da pesada porta do forno desvela a produção. Nossos olhos percorrem o chão, onde as peças são separadas por temáticas. O trabalho continua. Mãos protegidas por luvas grossas quebram garrafas de vidro, utilizadas para preencher lajotas já queimadas.

A câmera apressada captura a planta feita por alunos de arquitetura que participam do projeto, apresentando o projeto de ajardinamento do espaço onde o mural é fixado durante as férias escolares entre 2002 e 2003. Vemos, então, a imagem panorâmica: o mural ao fundo, o ajardinamento com flores, gramado, canteiros delimitados com tijolos rústicos, canaletas para conter a água das chuvas, vasos com folhagens para a passarela.

A partir do documentário, embora curto e sem preocupação de mostrar cada momento do processo vivido, podemos criar proposições pedagógicas no território da **Formação: Processo de Ensinar e Aprender**, focalizando o projeto, a parceria e a atuação da coordenação. Ele nos convida também para percorrer outros territórios, como *Linguagens Artísticas* (cerâmica, mural, arquitetura e urbanismo); *Processo de Criação* (a imaginação, a observação, o espaço escolar e o do ateliê); *Materialidade* (a natureza da matéria, os procedimentos técnicos, as ferramentas) e *Saberes Estéticos e Culturais* (signos e ícones, arte e sociedade).

Sobre o Projeto

A arte registra a história

(João Pessoa/PB, 2002-2003)

Para aprender os contextos culturais e naturais, a sobreposição e os sentidos da realidade, são requeridas ações que permitam interpretar e trazer identidade aos espaços de vivência escolar.

Neide Pelaez de Campos ¹

O Centro Estadual Experimental de Ensino-Aprendizagem Sesquicentenário², chamado carinhosamente de Sesqui, fundamenta-se numa proposta construtivista de ensino e na par-

ticipação direta dos pais na administração escolar. Em convênio firmado com a UFPB, institui o serviço de assessoria aos professores de todas as áreas. Como artista, professora da Universidade Federal da Paraíba/UFPB e coordenadora pedagógica do Projeto Arte na Escola, Marília Diaz³ dá prosseguimento à assessoria à área de artes visuais iniciada pelo professor Erinaldo Nascimento⁴.

A fundamentação teórica e a observação de que, com poucos recursos, os espaços de convivência são relegados a um segundo plano, levam Marília Diaz a procurar construir um sentido de pertença nos professores e no alunado. Nasce o projeto *A arte registra a história*.

A experiência estética e o desejo de “hospedar a alegria de ensinar e aprender”⁵ alicerçam o projeto que pretende materializar a história da escola (11 anos no processo de administração participativa), promover a beleza e a contemplação, dar visibilidade ao trabalho de arte realizado, fomentar a equipe de professores da área, bem como difundir as possibilidades da cerâmica no ensino. Com a aprovação da administração escolar em agosto de 2002, inicia-se a formação com as professoras: a cerâmica como linguagem da arte e como meio para a realização do mural, objetivando ampliar o olhar e subsidiar, teórica e praticamente, as ações em sala de aula. Conceituações sobre a argila e a cerâmica e as suas possibilidades são trabalhadas, assim como a produção de materiais de apoio – espeques, cortadores de argila e rolos. A dimensão do mural e a quantidade de peças a serem produzidas geram a idéia da placa como técnica básica de construção.

No processo dinâmico de criação, são estabelecidos temas que foram discutidos amplamente. A escolha é de signos significativos para a escola e todos que nela convivem: o *sol* como elemento representativo do contexto onde a escola está situada, ou seja, João Pessoa – “a cidade onde o sol nasce primeiro”; a *camiseta*, utilizada como parte do uniforme escolar em uma alusão ao ato de “vestir a camisa”, fazer parte; a escola, como o universo do ser humano, é traduzida pela representação de

rostos; as *mãos* são escolhidas para aludir ao trabalho; os *pés*, na perspectiva de valorizar os caminhos que conduzem à escola, bem como os caminhos que se abrem a partir dela, reforçando essa ação pendular; os *cinco sentidos*, para enfatizar as diferentes possibilidades de capturar o mundo e destacar o campo sensível; o *coração*, por seu caráter da relação afetiva para com a escola, espaço de encontros; e as *áreas do conhecimento*, história, geografia, matemática, educação física, português, entre outras, em um grande bloco compostos por vulcões, letras, números, personalidades, além de outros aspectos representados.

Uma aula inaugural, em outubro, é ministrada pela artista-professora dando início ao processo que envolveu 1500 alunos. As referências históricas e os signos temáticos norteiam a modelagem, assim como a expressão de significações e sentidos pessoais em relação ao espaço escolar. A orientação é feita pelas professoras da escola e de alunas dos cursos de educação artística e turismo, envolvidas no projeto como extensão universitária.

A ampliação do referencial cultural dos alunos é um aspecto importante, especialmente na superação de estereótipos. Imagens da história da arte, de obras de Sérgio Lucena e Tarsila do Amaral, de representações do sol, coração, além de outras, instigam a criação.

O período de modelagem estende-se até o final de outubro. As placas se estruturam. As formas são agregadas a partir da escarificação e da aplicação de barbotina adesiva para assegurar maior resistência. O acabamento é realizado com dedos e esponja. Todas as peças são escarificadas atrás para aderir à golda e, por sua vez, à parede.

As peças secas vão cuidadosamente para o ateliê de Diaz, onde são queimadas⁶ e depois separadas por temática e condição de fixação, visto que o traslado e a falta de domínio técnico na execução causam cerca de 30% de perda. Entendendo que a cerâmica é, a princípio, a arte da perda, todos os cacos são acoplados à base do mural, compondo o fundo que conduz o olhar do espectador para fora do espaço.

Também são produzidas pelos alunos lajotas, preenchidas pela equipe do ateliê, com granilha de vidro de garrafas em diferentes cores. Queimadas e perfiladas, elas configuram faixas que definem as várias temáticas.

Para ambientar a área onde o mural seria afixado, consolidando um lugar de convivência, são chamados alunos do curso de arquitetura/UFPB. A intenção de dar visibilidade e imprimir caráter lúdico, estético e de valor ao trabalho realizado é discutida por todos, fazendo com que a fixação dos trabalhos no muro ficasse sob a responsabilidade de operários.

A inauguração do mural (30m de comprimento x 3,40 m de altura), com a presença de alunos e professores da UFPB, técnicos, administração, pais, comunidade escolar e a divulgação junto à mídia desvelam mais uma página da história da escola, o orgulho das professoras e o zelo de cada aluno em cada lajota fixada, além do sentido e significado da criação individual e coletiva.



Os olhos da arte

O professor situa-se na encruzilhada no mundo dos bailarinos. Com uma rédea no criativo, uma rédea no técnico, uma rédea no estético, uma rédea no processo de vida, uma rédea no futuro e uma no passado, todas elas puxadas ao mesmo tempo. Com a habilidade de um auriga romano, ele manobra essa impressionante energia em direção a uma meta. As Musas se detêm para observar. Outra trajetória foi percorrida; outra aula foi dada.

Murray Louis⁷

Direção e metas. A metáfora criada pelo bailarino, coreógrafo e professor Murray Louis nos desvela a atuação pedagógica que se movimenta para o futuro, sem esquecer o passado. Orientação segura, atenta ao contexto que envolve o movimento, a "impressionante energia em direção a uma meta".

Pensar sobre este documentário, tendo a metáfora de Louis como mote, nos instiga a perceber a atuação da coordenação de um projeto. Coordenação compreendida aqui como a liderança que move, que acolhe e inquieta, que provoca e que ousa. Seja a coordenação de um grande projeto, envolvendo muitos



A arte registra a história - Foto: Rosilda Sá

alunos e uma grande equipe, seja a exercida pelo professor em sua sala de aula com seu grupo de alunos.

Deixemos em suspensão as imagens do documentário. O convite aqui é para compreender um processo de construção, que tem no conceito de projeto uma possibilidade de ação e reflexão.

Como se inicia um projeto? Muitos podem responder que se inicia pela escolha do tema, ou mesmo pelos interesses dos alunos, mas certamente qualquer projeto tem antes o desafio de conhecer melhor os participantes da ação educativa. Se concordarmos com as idéias de Buber⁸, para quem o homem é um ser de relação, de encontro, de "diálogo na atitude existencial do face-a face", como diz Newton Zuben, na introdução do livro desse autor, percebemos que o coordenador de um projeto tem de acolher, tentar aproximações, levar em consideração cada um dos participantes. É a parceria que se busca, fortalecida por vínculos afetivos e desejos comuns.

Com educadores, essa busca de parceria na construção de um projeto se faz na relação dialógica unindo teoria e prática. A reciprocidade, o encontro, o vínculo de responsabilidade, a reflexão e ação somam-se como partes indissolúveis de um todo. Encontro que não descarta as histórias pessoais de cada um.

No documentário, esses fundamentos invisíveis indicam uma preocupação central no projeto: a valorização das histórias e



A arte registra a história - Foto: Rosilda Sá

significações pessoais, dando às subjetividades reveladas, espaço de expressão. Assim, os signos são buscados como ícones do contexto onde vivem e convivem: sol, coração, camiseta, pés, mãos, rostos, além de signos para os

cinco sentidos e para as áreas de conhecimento. Signos selecionados pelos professores no projeto, assim como os alunos. Nos movimentos grupais, a valorização da diferenciação, do reconhecimento da singularidade de cada um, conecta-se ao sentimento de pertença do grupo. Singularidade e diferenciação presentes no grande mural, que não descarta as peças que se quebram no forno ou nos transportes, e que só poderia ter sido feito por um grande grupo: 1500 pessoas!

A coordenação instiga a criação de cada um. Formas são refeitas, a equipe multidisciplinar se amplia para que a meta seja alcançada, criando, compondo, transformando, lidando com o imprevisível, compreendendo a linguagem do mural – as primeiras pinturas nas paredes das cavernas, as paredes de templos e túmulos egípcios, as invenções de procedimentos técnicos que criam linguagens específicas como o afresco, o mosaico, o mural, nas cidades do passado e do presente.

As temáticas sociais que marcam o muralismo mexicano, assim como os painéis de Portinari e de Poty, a enorme pintura de *Guernica* de Picasso e as provocações de Siron Franco estão presentes nos signos do mural cerâmico.

Os olhos da arte nos ajudam a ver a estreita relação entre arte e vida, entre arte e sociedade. As musas, como filhas da memória, são convidadas à dança, parceiras de aprendizes e mestres entregues à criação construída em grupo.

O passeio dos olhos do professor

Convidamos você a ser um leitor do documentário, antes do planejamento de sua utilização. Neste momento, é importante que você registre suas impressões durante a exibição. Nossa sugestão é que suas anotações iniciem um diário de bordo, como um instrumento para o seu pensar pedagógico durante todo o processo de trabalho junto aos alunos.

A seguir, uma pauta do olhar que pode ajudá-lo.

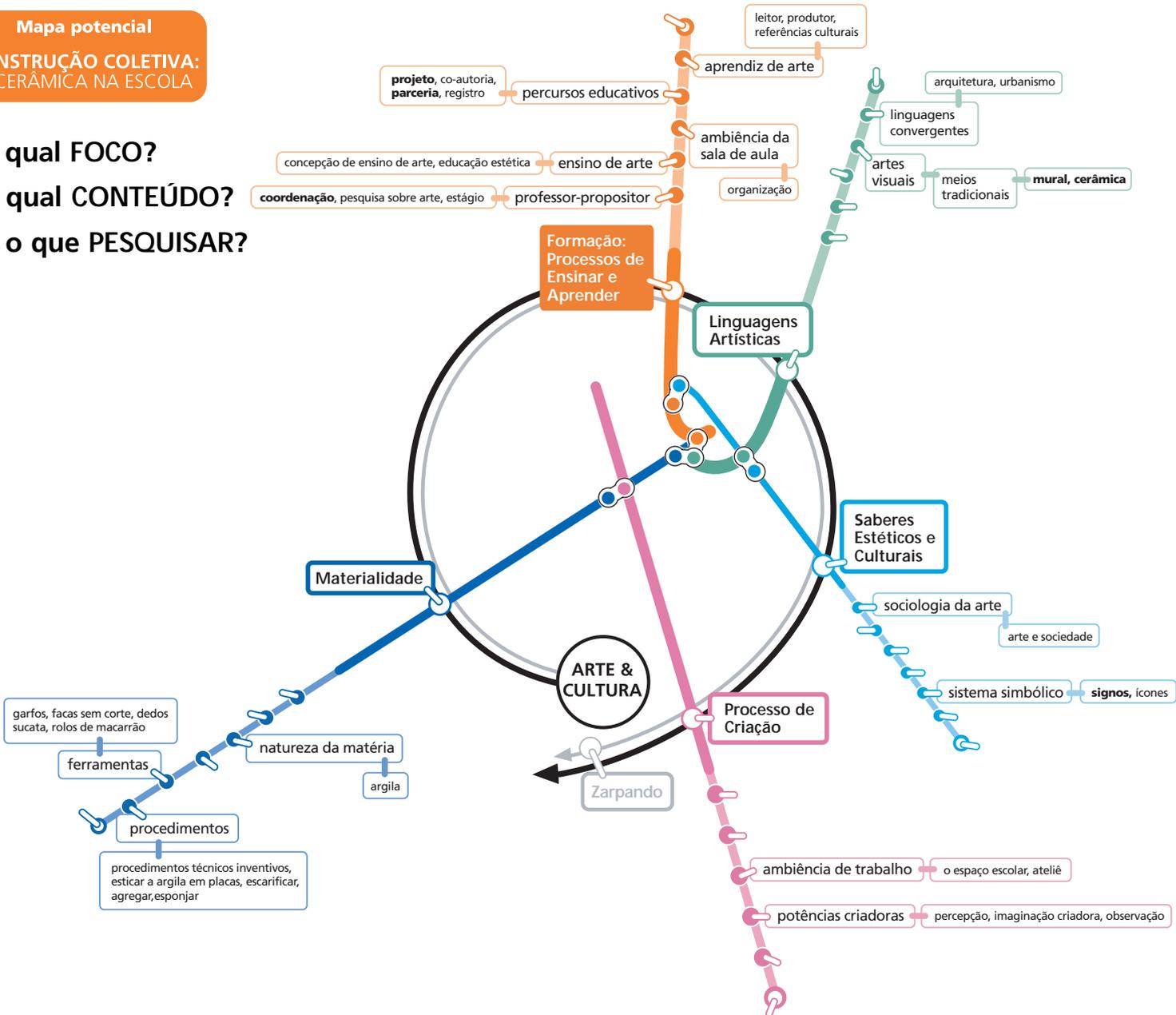
- Quais questões o documentário lhe faz?
- O documentário lhe traz lembranças de seu tempo de aluno ou de sua ação pedagógica? Quais?
- No documentário, é possível ver signos e temas nas produções dos alunos? Seriam próximos aos que os seus alunos escolheriam? Ou em sua região apareceriam outros?
- O que é possível perceber quanto aos procedimentos técnicos?
- Que instrumentos são utilizados?
- Quais são as propostas das professoras? Você se identifica com elas?
- Uma proposta coletiva seria adequada aos seus alunos? Por onde você iniciaria? Quais materiais seriam mais indicados para realizar uma ação coletiva em sua região?
- Sobre o documentário: ele possibilita compreender toda história do projeto? Falta algo?

Ao rever suas anotações, você pode perceber o modo singular de sua percepção e análise. A partir delas e da escolha do foco de trabalho, quais questões você faria para uma pauta do olhar para o passeio dos olhos dos seus colegas ou de alunos em formação?

Mapa potencial

CONSTRUÇÃO COLETIVA: A CERÂMICA NA ESCOLA

- qual FOCO?
- qual CONTEÚDO?
- o que PESQUISAR?





Percurso com desafios estéticos

Os percursos sugeridos se apresentam como possibilidade de caminhos a serem trilhados por você como formador de educadores. A análise do contexto, a ação dialógica, as escolhas coletivas, o contrato verbal, os papéis e as funções de cada um são extremamente importantes para a construção de um mapa de conhecimentos que podem ser aprofundados gerando processos, projetos e resultados coletivos. O trabalho na escola apresenta condições para outras relações e outros focos de trabalho.



O passeio dos olhos dos alunos

As proposições pedagógicas aqui sugeridas foram pensadas para professores em formação, que não deixam de ser alunos do professor-formador ou do coordenador pedagógico.

- ☉ O olhar pode passear pelo documentário, como se estivesse assistindo a um programa de tv. Como é de curta duração, será interessante levantar o que ficou mais marcante para eles, nessa primeira exibição. Depois, você pode oferecer uma pauta do olhar, planejada especificamente para seus alunos-educadores, levantando outras possíveis perguntas para que possam ver mais elementos que possam ter passado despercebidos. O que a segunda exibição revela? Algumas idéias para o início de um projeto?
- ☉ A leitura de obras muralistas de Siqueiros, Orozco, Rivera, Poty e Portinari, além de outros contemporâneos em sua região, pode ser o estopim para a exibição do documentário. Que aspectos chamam a atenção dos alunos-educadores? Quais as singularidades de cada mural? Qual a diferença de um trabalho produzido coletivamente?
- ☉ Muitas vezes, a argila está presente na escola para uma produção de objetos artesanais. No passado, era comum se fazer um cinzeiro no dia dos pais, por exemplo. A produção de placas com argila pode ser realizada sem intervenções para que, depois, as possibilidades experimentadas,

como o agregar formas, cortar, vazar, riscar, etc. sejam analisadas. Após essa primeira experimentação e análise, a exibição do documentário certamente estimulará novas experimentações, convidando para a continuidade do projeto.

Essas são apenas algumas idéias, que não se esgotam, mas pretendem gerar novas e infinitas relações, que por sua vez podem gerar outras, responder questões e levantar novas dúvidas.

Desvelando a poética pessoal

Dando forma à argila, ele deu forma à fluidez fugidia de seu próprio existir, captou-o e configurou-o. Estruturando a matéria dentro de si ele se estruturou. Criando ele se recriou.

Fayga Ostrower⁹

Cada educador também revela, por suas escolhas, o seu modo singular de ensinar e aprender, o que poderíamos considerar como uma poética pessoal. Para que seus alunos-educadores possam desvelá-las, sugerimos algumas proposições pedagógicas. Mas você pode adaptá-las, transformá-las, ou inventar outras.

- A vida em grupo, na produção de um trabalho coletivo, não é realizada apenas juntando pessoas. Revisitar a própria história como aluno, refletindo sobre as produções coletivas e os movimentos grupais vividos, pode gerar textos escritos e textos não verbais, produzidos com colagem, desenhos, ou mesmo esculturas. As reflexões individuais, depois de apresentadas, podem se transformar em reflexões coletivas, apontando as dificuldades e desafios na coordenação de projetos.
- A criação de um primeiro esboço de projeto, tendo o trabalho coletivo como meta, pode abrir novas questões para a pesquisa do futuro professor ou do professor em formação contínua. Há linguagens mais apropriadas para um trabalho coletivo? Como possibilitar que a produção seja composta por todos do grupo? Quais as possibilidades do trabalho se tornar um patrimônio para a comunidade para a qual foi planejado? O projeto cerca uma única produção ou envolve uma

série de produções? Essas são algumas das questões que podem inquietar os alunos-professores em seus projetos.

- Como os alunos-professores propõem um mural cerâmico coletivo em sua escola? Quais os cuidados para a sua concretização? Quais poderiam ser os signos temáticos? Quais barreiras e dificuldades teriam de ser vencidas? Como a comunidade o receberia? O projeto deveria apresentar uma proposta inicial, antevendo todos os movimentos que seriam realizados.

O acompanhamento das proposições sugeridas pode gerar novas questões e você poderá colaborar com informações. É possível que a concretização delas ocorra em complementaridade a outras sugestões que são apresentadas em seguida.

Ampliando o olhar

- Os tapetes feitos de serragem, flores, cascas de ovos, sementes, papéis e outros materiais são comuns em muitas regiões brasileiras, especialmente nas comemorações da festa de Corpus Christi. No município de Castelo/ES¹⁰, a festa tem ganhado notoriedade, assim como em muitas comunidades. Estes tapetes são produzidos em sua comunidade? Os alunos-professores podem produzir um pequeno tapete, escolhendo um lugar e uma temática. Será importante que registrem a experiência, percebendo o processo de criação coletivo.
- Mosaicos realizados com azulejos quebrados e similares podem gerar interessantes produções coletivas. Para ampliar o olhar, os alunos-professores podem pesquisar os antigos mosaicos do império romano e bizantino, percebendo a sutileza de cores e dos movimentos das pequenas peças. Há também mosaicos na cidade?
- O neto de uma funcionária do ateliê serviu de modelo para a linha de contorno que, depois, gerou uma placa de argila. Do mesmo modo, pode-se partir dos contornos dos corpos dos alunos-professores para criar um painel coletivo. Cada

participante deve escolher uma pose que fale de si mesmo, que possa expressar sua maneira singular de ser professor. Os moldes podem ser obtidos deitando-se sobre folhas de papel-jornal ou outro tipo de papel, ou ainda projetando a sombra na parede, utilizando para isso um spot ou mesmo a lâmpada do projetor. A leitura de todo o processo e do produto pode abrir possibilidades para melhor compreender o papel do educador em trabalhos coletivos.

- Poty Lazzarotto, uma artista de Curitiba, realizou muitos murais em concreto. Há um documentário sobre o seu trabalho na DVDteca Arte na Escola. É interessante perceber como os procedimentos técnicos do seu trabalho foram facilitados quando substituiu a madeira pelo isopor. Os alunos-professores poderiam experimentar vários tipos de materiais para gerar trabalhos coletivos e fazer também experiências construindo formas em isopor. Para isso, é preciso utilizar caixas de papelão resistente, encaixar as formas de isopor dentro e encher com cimento e areia, na proporção de três partes de areia para uma parte de cimento. A quantidade de água precisa ser bem dosada, pois a consistência deve ser encorpada, similar à massa dos pedreiros. Depois de seco, é só desenformar. A reflexão sobre a experiência vivida é um ponto importante.

Conhecendo pela pesquisa

- Uma boa oportunidade para colocar os alunos-professores em contato com coordenadores ou professores é por meio de uma entrevista, pautada por um roteiro com perguntas sobre coordenação de projetos. Quais os desafios da coordenação? O que pode “travar” a realização de um projeto? Quais instrumentos de avaliação são utilizados para o acompanhamento e a intervenção no projeto? Quais teóricos são parceiros nesse fazer educativo?
- A cerâmica é uma das mais antigas linguagens da arte. O documentário pode ser exibido novamente para que as questões da materialidade que envolvem a natureza da argila, os

procedimentos técnicos e as ferramentas possam ser melhor percebidas. Novas pesquisas e trabalhos podem ser feitos. Por exemplo, é possível colocar cada pequena placa de argila, depois de seca, dentro de uma caixa aberta, com boa vedação, para que seja coberta com gesso, que é fácil de preparar. O gesso irá esquentar e, quando tudo estiver bem seco, no bloco duro de gesso, a matriz de argila deixará suas marcas de forma e textura. Como juntá-las num painel coletivo?

- ☉ Mônica Nador¹¹ é uma artista contemporânea que deseja sair dos limites do sistema de arte tradicional, com seus museus e galerias, e ir ao encontro da “valorização do indivíduo e do seu universo simbólico inerentes ao trabalho”. Na Vila Rhodia, em São José dos Campos/SP, ela convidou os moradores a pintar suas casas, com o objetivo de criar um cinturão colorido com os motivos criados pela comunidade. “Quanto mais gente eu contaminar, melhor; quero que a arte mude”, diz ela. A pesquisa sobre o trabalho dessa artista, o uso do estêncil como recurso plástico, pode gerar novas idéias para projetos que envolvam a produção coletiva.
- ☉ A tradição de algumas culturas em pintar suas casas¹², geralmente com argilo-minerais, em comemoração ao período de colheita, comum na África e Índia, possibilita uma pesquisa multidisciplinar. Em muitas aldeias, quem realiza esse trabalho são as mulheres, o que pode encaminhar a pesquisa para a questão de gênero. Seria interessante pesquisar também os pigmentos utilizados e os signos empregados.
- ☉ A leitura de objetos presentes em diferentes culturas nos ensina sobre as nossas próprias referências pessoais e culturais. Entrevistar idosos da comunidade, levantar suas histórias e procedências desperta a percepção da multiculturalidade de nossas comunidades. Se for possível, cada idoso deve emprestar um objeto para um exercício de montagem de uma exposição na escola. Os objetos e seus significados, acrescidos das significações atribuídas pelo público, podem gerar uma boa reflexão sobre a atribuição de sentidos e as tarefas dos educadores.

- ☉ Quais as linguagens da arte que trabalham com o coletivo? Os alunos-professores podem pesquisar os grafiteiros que, com frequência, trabalham em grupo, assim como artistas da web art.
- ☉ O documentário poderia incentivar o corpo docente das escolas em que os alunos-professores estão trabalhando ou cumprindo horas de estágio? Eles se interessariam por um projeto em mutirão, melhorando o visual da escola? Como isso poderia se tornar um projeto de artes visuais?

Amarrações de sentidos: portfólio

Como uma forma de unir, interligar idéias e trocar perspectivas diferentes, o registro dos resultados alcançados, tanto em âmbito plástico como em relação às pesquisas escritas, é um ponto importante. As fotografias também contam histórias do processo, ou mesmo um vídeo como o que foi apresentado neste material. Cada aluno-professor pode fazer seu próprio portfólio e criar uma página como síntese num caderno do grupo, como memória coletiva do que estudaram, aprenderam e o que ainda gostariam de aprofundar.

A exposição desses registros permite uma nova troca de idéias entre os seus colegas, que pode se estender para a coordenação e os professores de outras escolas.

Valorizando a processualidade

O grande mural cerâmico e parte do processo foram registrados em vídeo pela professora Rosilda Sá, da UFPB, e foi selecionado entre 150 títulos enviados por quinze países, concorrendo a sete prêmios na 4.^a edição do Festival *Projections D'Argile-2004*, em Montpellier/França, em março de 2004. Como somatório de um árduo trabalho em que a universidade fez parceira com a comunidade, o vídeo e o mural registram um pedaço da história de uma escola pública da cidade de João Pessoa. Agora, transformado em DVD, se torna incentivo para novos trabalhos.

Todo o percurso realizado a partir deste documentário, além dos portfólios dos alunos-professores, pode gerar novos registros que instiguem outros professores. Incentive seu grupo a se atrever, enviando seus projetos para concursos e prêmios que são oferecidos por importantes instituições, pois, dar visibilidade ao que se faz enche de orgulho também os alunos e as famílias participantes. Além disso, olhar para esse processo é uma forma de avaliar seu próprio trabalho, desde as primeiras anotações em seu diário de bordo.

Glossário

Argila – “argila é um material natural, terroso, de granulação fina, que geralmente adquire, quando umedecida com água, certa plasticidade”. Fonte: SANTOS, Pêrsio de Souza. *Tecnologia de argilas aplicada às argilas brasileiras*. São Paulo: E. Blücher, 1975, p.1.

Cerâmica – é arte, ciência e tecnologia de fabricar e usar peças sólidas, as quais têm como componente essencial e são constituídas em grande parte por materiais cerâmicos. Fonte: XXXV Congresso Brasileiro de Cerâmica. Anais, 1991, p.15.

Cocção – Momento em que a cerâmica adquire “características definitivas de resistência, dureza, cor, brilho, textura e outras propriedades”. Fonte: FERNANDEZ CHITI, Jorge. *Diccionario de cerâmica*. Buenos Aires: Ediciones Condorhuasi, 1984, p.160.

Espeque – instrumento utilizado para desbastar, ocar, estruturar uma peça em argila. Construído geralmente em madeira, tem em uma ou nas duas extremidades formas lineares em arame, de acordo com Marília Diaz, ceramista.

Golda – termo empregado pelo pedreiro, em certas regiões, para designar a mistura de cimento e água, palavra descrita popularmente como infusão ou maceração para uso externo ou interno. Fonte: *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*.

Granilha – produto resultante da moagem de “fritas cerâmicas”, resultado da fusão de materiais que compõem um vidro. Fonte: ANTUNES, Rodrigo. Aplicação e classificação de granilhas. *Revista Mão na Massa*, São Paulo, n.17, p.28, 2005.

Pertença – Reconhecer-se parte integrante do contexto histórico; atribuir significado à práxis; e ao ato de se construir professor a cada dia. Entendimento construído a partir das idéias de Hans-Georg Gadamer, no livro *Verdade e método e da situação vivida*.

Bibliografia

BURLAMAQUI, Suraya. *Cerâmica mural portuguesa contemporânea: azulejos, placas e relevos*. Lisboa: Quetzal, 1996.

CAMPOS, Neide Pelaez de. *A construção do olhar estético-crítico do educador*. Florianópolis: UFSC, 2002.

DIAZ, Marília. *Modelagem em argila: noções básicas para o professor das séries iniciais*. Curitiba: Setor de Educação da UFPR, 1994. (Projeto Araucária).

_____. *O fazer cerâmica em Antonina - tradição, resistência e pertença*, 1998. 159p. Dissertação (Mestrado em Educação). Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FRICKE, Johann. *A cerâmica*. Lisboa: Presença, 1981.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

MACHADO, Clotilde de Carvalho. *O barro na arte popular brasileira*. Rio de Janeiro: Lídio Ferreira Júnior Artes Gráficas e Editora, 1977.

MASSOLA, Doroti. *Cerâmica: uma história feita à mão*. São Paulo: Ática, 1994.

PEREIRA JÚNIOR, João Carlos. Mosaico. Projeto Cidadão Atitude. Cidadania com cacos cerâmicos. *Revista Mão na Massa*, São Paulo, n. 8, p. 8-10, mar. 2003.

READ, Herbert. Arte sem conteúdo: cerâmica. In: _____. *O sentido da arte*. São Paulo: Ibrasa, 1968.

VIDAL, Jean-Jacques; JAMES, Paulo. *Ceramicando*. São Paulo: Callis, Editora, 1997.

ZEM, Ana Maria; FUNCK, Anna Thais. O ensino da cerâmica para crianças. In: GABBAI, Miriam B. *Cerâmica: arte da terra*. São Paulo: Callis, 1987, p.156- 159.

Seleção de endereços de artistas e sobre arte na rede internet Os sites abaixo foram acessados em 27 jul. 2005.

CERÂMICA. Disponível em: <www.ceramicanorio.com>. (veja também o glossário)

_____. <www.centraldaceramica.com.br/>.

_____. <www.ceramicanorio.com/>.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTES VISUAIS. Disponível em: <www.itaucultural.org.br>.

LUCENA, Sérgio. Disponível em: <www.paraiba.org.br/sergio/>.

MURALISMO MEXICANO. Disponível em: <www.klepsidra.net/klepsidra6/muralismo.html>.

NADOR, Mônica. Disponível em: <www.teatrobrasileiro.com.br/cidadania/monicanador.htm>.

PORTINARI, Candido. Disponível em: <www.portinari.org.br/>.

_____. <<http://casadeportinari.com.br/principal.htm>>.

POTY. Disponível em: <www.pr.gov.br/seec/poty/poty.html>.

FRANCO, Siron. Disponível em: <www2.uol.com.br/sironfranco>.

Notas

¹ Neide P. CAMPOS, *A construção do olhar estético-crítico do educador*, p. 84.

² No momento do projeto, a escola atende, nos três turnos, 1872 alunos na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio e Educação Seriada, e conta com um quadro de 192 professores, sendo quatro da área de artes visuais, todos com formação específica.

³ Marília Diaz foi docente do Departamento de Artes na Universidade Federal da Paraíba/UEPB, em João Pessoa entre os anos 1997 a 2003, atuando também como coordenadora pedagógica do Projeto Arte na Escola.

⁴ O professor Erinaldo Nascimento, assessor da área até aquele momento, emprega o diálogo metodológico entre a Abordagem Triangular e o Método dos Processos Mentais, proposto por Robert Sanders e Dieth Field, criando o que é denominado por ele de *Ênfase na Percepção e Apreciação Estética*.

⁵ Paulo FREIRE, *Pedagogia da autonomia*, p.31.

⁶ Ao todo, foram realizadas onze queimas com tempo calculado em torno de 10 horas cada, acrescidas de 4 horas para enfiar, sofrer quente e desenfiar cada queima.

⁷ LOUIS, Murray. *Dentro da dança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, p.101.

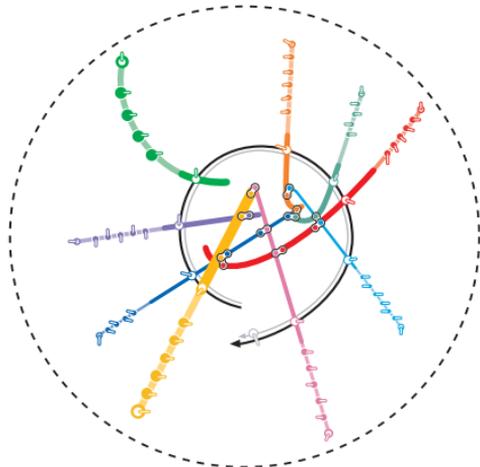
⁸ BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

⁹ OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1984, p.51.

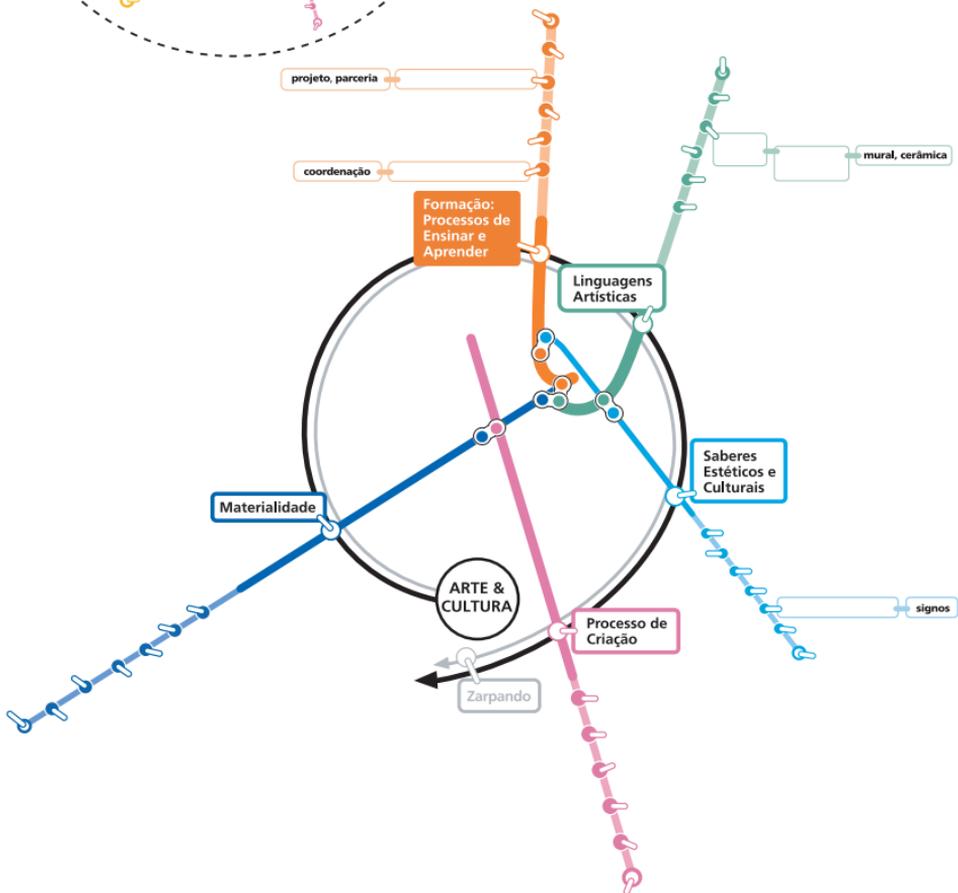
¹⁰ Veja mais tapetes da cidade de Castelo/ES. Disponível em: <www.descubracastelo.com.br/tur_corpus_christi.htm>. Acesso 28 jul. 2005.

¹¹ Mônica NADOR, citada por Maria Hirszman. Disponível em: <www.teatrobrasileiro.com.br/cidadania/monicanador.htm>. Acesso em 29 jul. 2005.

¹² SLESIN, Suzanne; CLIFF, Stafford. *Indian style*. London: Thames and Hudson, 1989.



Mapa potencial
CONSTRUÇÃO COLETIVA:
 A CERÂMICA NA ESCOLA



Patrocínio



Organização



www.artenaescola.org.br